

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIABO NO CONTO "A IGREJA DO DIABO" DE MACHADO DE ASSIS*

Irene Cristina Pereira Carneiro de Azevedo Barbosa**

RESUMO

Machado de Assis é um escritor singular na Literatura Brasileira. Seus contos trazem problemas ligados à alma humana e neles há uma grande profundidade, em relação ao homem universal.

Após sua fase de amadurecimento, escreve o conto "A igreja do diabo", onde há um cenário e uma conversa fictícia entre Deus e o diabo, que se mostra interessado em fundar sua igreja, onde cultivaria como condutas, os pecados humanos.

Palavras-chave: Contos, alma humana, Deus, diabo, homem universal.

ABSTRACT

Machado de Assis is a singular writer in the Brazilian Literature. His profound tales present troubles related to the human soul, so they are related to the universal man.

After his maturation period, Machado de Assis wrote the tale 'A igreja do Diabo', which has a fictional setting where a conversation between God and the Devil takes place. The Devil is interested in settling his own church, whose doctrine would be the reinforcement of sinful behaviors.

Key words: tales, human soul, God, Devil, universal man.

Este trabalho analisa o conto "A igreja do diabo" de Machado de Assis. Adotamos uma perspectiva religiosa protestante, confrontando as idéias de Machado expressas no conto e, em outra vertente, a Bíblia, analisando também aspectos bíblicos que Machado de Assis apresenta em seus escritos e a razão pela qual utiliza essas citações em seu conto, enfatizando o bem e o mal.

O conto "A Igreja do diabo" trata dos mais desorganizados e impuros sentimentos que levam os seres humanos à corrupção. Há uma retórica de convencimento do diabo a Deus, para fundar uma igreja, na qual fossem ainda mais cultivados esses sentimentos perversos do ser humano.

A fundação de uma igreja diz respeito à divisão e ao combate entre as religiões, dito pelo diabo a Deus, com interesse em fundar sua própria casa, fazendo uma alusão ao monge agostiniano Martinho Lutero, que em 1517 foi responsável pela revolta contra a venda de indulgências feita pelos padres da época, em especial o de sua igreja, Tetzl. Assim sendo, Lutero protagonizou a reforma protestante,

* Trabalho realizado na disciplina Literatura Brasileira, "Considerações sobre o bem e o mal no conto A igreja do diabo de Machado de Assis."

** Aluna do 4º ano do curso de Letras das Faculdades Padre Anchieta.

condenando os ensinamentos do padre, através de teses fixadas na porta da igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha, baseado no texto: "O justo viverá pela fé" (Romanos 1:17). Outra alusão diz respeito ao líder muçulmano Maomé, discípulo de Alá e escritor do Alcorão¹. O diabo machadiano argumenta e tenta convencer a Deus de que sua igreja seria refúgio daqueles que se vestem com as "vestes santas" da igreja do Senhor, mas, na verdade, fazem tudo ao contrário do que manda o Santo Mandamento: a Bíblia.

No início do conto, o diabo já se mostra desafiador e competidor, quando chega perto de Deus com olhos de ódio, ásperos de vingança, e diz que o céu não tardaria em ficar vazio, pois o preço que Deus pede aos fiéis é alto, que um ser humano não seria capaz de mudar seu modo errado de vida, aludindo à Sagrada Escritura e aos pecados que não se consegue deixar de cometer. Caso contrário paga-se um alto preço, o preço da renúncia, ao qual se refere o diabo machadiano "... Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus...".²

O diabo propõe também que se puxasse as franjas do manto dos fiéis a Deus, logo viriam as franjas de seda pura como discípulas. Machado de Assis usa de metáfora ao dizer que essas franjas que o Senhor julga santas não passam de comparações a rainhas que possuem mantos de veludo que se remetem em franjas de algodão, como discurso do diabo, ou seja, ele deixa subentendido a Deus que as pessoas que aos seus olhos fossem "santas", podiam se desviar de cometer pecados, pois esses já eram provenientes de seu coração (Assis, 1992, p. 12).

O narrador de Machado adota no conto a perspectiva católica, pois classifica os pecados em mais e menos graves, diferente do ponto de vista protestante, no qual todos os pecados são iguais.

No conto "A Igreja do diabo", os sete pecados capitais são colocados pela personagem diabo como atitudes corretas, próprias e compreensíveis para um ser humano, dada a sua natureza corruptível.

Diante da insistência do diabo, Deus se cansa de tantos argumentos e permite que ele construa a pedra fundamental de sua igreja, na qual são ainda mais desenvolvidas as noções de orgulho, desrespeito ao próximo, corrupção do próprio corpo e da própria alma.

A Igreja do diabo por um tempo teve grande êxito. Porém, um dia o diabo descobriu que os "fiéis" de sua igreja praticavam as antigas virtudes³, às escondidas, e assim se decepciona, pois sente-se traído pelas virtudes de Deus.

A citação da tradição literária nos textos machadianos é muito diversificada e

¹ Agradeço a Elvis Brassaroto pelas informações e indicações bibliográficas.

² Agradeço a Olga Pereira Carneiro de Azevedo pelas intervenções e referências bíblicas.

³ A expressão antigas virtudes refere-se ao que era pregado na igreja de Deus, atitudes bondosas, que escapassem de pecados, ou seja, os mandamentos da Sagrada Escritura.

os detalhes neles utilizados são minuciosos, o que podemos perceber neste conto. Machado de Assis tem um estilo próprio de escrever que cativa o leitor, aguçando a vontade e o prazer pela leitura de seus textos. Este estilo está ligado ao

“... empréstimo de idéias e de formas, incontáveis alusões, as fontes veladas ou explícitas, as citações e as glosas, os lapsos forjados ou verdadeiros, de dispositivos intertextuais que encorajam estudos comparatistas...” (Villaça, 1998, p. 3).

Machado de Assis trata de assuntos importantes de uma forma própria, o que dá uma forma especial a seus textos, “... Machado gosta de anedotas, e de focalizar detalhes triviais, mas que lançam uma luz inesperada sobre assuntos importantes...” (Gledson, 1998, p. 15).

Os temas abordados por Machado de Assis são sempre atuais e a intertextualidade que neles se apresenta remete-nos aos nossos dias. O escritor apresenta, portanto, em seus textos, um “...Olhar moderno, que transfigurou a antiga paisagem...” (Villaça, 1998, p. 4). Vemos que Machado escreve tudo em uma mesma linha de pensamento e que, para ele, para tudo há uma razão. Assim, usa diversos recursos para que o leitor não chegue direto ao assunto, mas que pense, reflita:

“...A ironia machadiana apóia-se com muita freqüência nas simetrias, traduzindo uma situação por outra num estilo de equivalências... A simetria revela mais literalmente do que nunca...” (Villaça, 1998, p. 6).

Nas obras de Machado de Assis há um forte poder de sedução, que prende o leitor, “... o narrador atrai o leitor para o seu sistema, do qual não é fácil sair...” (Villaça, 1998, p. 10).

Segundo Lúcia Granja, Machado de Assis utiliza-se de artifícios retóricos específicos para induzir o leitor ao conhecimento de suas idéias...” (Granja, 2000, p. 37). A autora refere-se à crônica, mas suas idéias podem ser transportadas para a análise de conto, onde podemos claramente perceber que o artifício retórico que o narrador de Machado de Assis utiliza é tão bem elaborado que suas obras se tornam fonte de leitura que prendem o leitor do início ao término dela.

A figura do “diabo” na obra de Machado de Assis já chamou a atenção dos críticos anteriormente. John Gledson em sua introdução aos contos disse que Machado de Assis “...certamente acreditava na bondade humana inata...” (Gledson, 1998, p. 44). Pode-se atestar isso no conto “A igreja do diabo”, quando o diabo faz sua petição para desviar os fiéis da igreja de Deus, acusando-os de serem corruptos e se esconderem em vestes de cristãos. Gledson cita também outro trabalho de Machado de Assis, que mostra novamente seu gosto pela personagem “diabo”. Em “Sermão do diabo”, uma crônica datada de 04/09/1892, publicada na série “A Semana” do jornal *Gazeta de notícias* (Gledson, 1998, p. 54), Machado de Assis diz que há uma semelhança entre a igreja de Deus e do diabo “... Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus...” (Assis, 1893, p. 01).

Parodiando a Bíblia, o diabo do sermão de Machado de Assis utiliza o mesmo esquema literário (a mesma linguagem) que Jesus usou no Sermão da montanha:

“... E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos. E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes...” (Assis, 1893, p. 01).

Na Bíblia: “... E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e abrindo a sua boca, os ensinava dizendo...”.

Observamos assim que Machado de Assis parodia a linguagem da Bíblia, utiliza textos bíblicos por se tratarem de temas universais, relacionados ao homem e ao universo e faz das palavras de Jesus palavras também do diabo, ressaltando que o diabo sempre muda os ensinamentos bons de Jesus em ensinamentos maus, sarcásticos, corruptos, irônicos “...Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra...” (Assis, 1893, p. 01). Agora vemos claramente o mesmo tópico na Bíblia: “...Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra...”. A forma como Machado escreve o “Sermão do diabo” faz-nos perceber que ele está fazendo uma referência ao sermão bíblico, com o objetivo de criticar e satirizar as atitudes dos homens.

Luiz Gonzaga Garcia de Castro diz

“... a narrativa do conto “A Igreja do diabo” é linear, contudo Machado de Assis a faz em capítulos, tornando-se precursor na maneira de estruturar aquela forma literária...” (Castro, 1985, p. 68).

Essa forma de escrever é comum nos contos de Machado de Assis, quando não utiliza narrativas corridas e sem cortes ou interposição de planos. O mesmo autor, em sua análise do conto “A Igreja do diabo”, coloca a personagem como um anti-herói, concorrendo com Deus (Castro, 1985, p. 69).

Podemos perceber que Machado de Assis sempre faz do diabo um ser copioso, inescrupuloso e sem personalidade própria, incapaz de criar com singularidade seu discurso.

Machado de Assis era um grande conhecedor da Bíblia. Vemos que a teoria que ele nos apresenta sobre Deus e o diabo é coerente com a que está impressa nos evangelhos. Explorando sua biografia, temos informações de que Machado de Assis fora coroinha na igreja católica (Pereira, 1998, p. 84) e ainda, segundo Lúcia Miguel Pereira, ele perdera sua fé à medida que se afirmava como adulto e intelectual (Pereira, 1998, p. 85). Apesar de utilizar temas bíblicos, apenas por serem universais, podemos ver em sua carta à José Veríssimo, datada de vinte e um de janeiro de 1904, que fora à igreja, a fim de assistir a uma missa, já no fim de sua vida (Assis, 1992, p. 187).

Machado de Assis mostra uma possível não concordância a respeito da canonização dos padres “... O velho jesuíta fala largamente dos meios de ser santo... Os vigários de Cristo fazem Santos, mas não podem sê-lo...” (Granja, 2000, p. 128). Lúcia Granja faz uma citação importante a respeito dessa desilusão de Machado sobre a santidade dos padres

“... A lembrança é motivo para a contraposição entre os líderes religiosos cató-

licos de antigamente e os dos dias de então... Agora, eles fazem política e defendem interesses econômicos próprios..." (Granja, 2000, p. 129).

Voltando ao conto "A Igreja do diabo" Alfredo Bosi diz que "há uma possível teoria de comportamento em "A igreja do diabo" (Bosi, 1999, p. 85). Machado de Assis coloca em pauta o comportamento de alguns "fiéis" da igreja dos santos e, em uma nota de rodapé, Bosi cita La Rochefoucaud, de quem Machado fora leitor: "... as pessoas fracas não podem ser sinceras..." (Bosi, 1999, p. 86). Mostra esse lado do ser humano ligado à imperfeição, que de certa forma, é uma das características da personagem diabo no conto.

No trecho abaixo, de Alcides Villaça, ele nos diz sobre "A Igreja do diabo"

"...A falibilidade de Deus, revelada por seu gesto de desalento resignado, coloca-O apenas um degrau acima da ingenuidade de um Lúcifer humilhado..." (Villaça, 1998, p. 4).

Vemos a maneira como Machado de Assis aborda a oposição Deus X Diabo. O diabo é sinônimo da maldade, da decadência humana, de humilhação e zombaria do homem, e Deus cede ao pedido.

No conto "A Cartomante", o narrador de Machado de Assis diz que "...há vulgaridades sublimes..." (Villaça, 1998, p. 6). Em "A igreja do Diabo" essa citação é mais sutil, feita de forma mais agregada à questão de que o diabo corrompe com seus sentimentos perversos a alma humana.

Podemos também visualizar essas idéias, que o narrador utiliza para fazer com que o leitor compartilhe de suas opiniões, quando nos questiona, no início do conto, a respeito da fundação da igreja do diabo "...Por que não teria ele a sua igreja?..." (Assis, 1992, p. 9). Seu estilo literário abre possibilidades de conclusão do leitor.

No conto "A Igreja do Diabo", Machado de Assis faz uma citação do Fausto⁴, de Goethe "... Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos...". A obra de Goethe conta a história de um homem que desejava decifrar o mistério da vida.

"... Sua sede pela onipotência leva-o a dominar várias ciências, mas nenhuma delas o conduz ao mistério da existência. Anseia por conhecer mais e mais: vida, alegria, amor, magia. Deseja transformar-se numa espécie de deus, com acesso ilimitado a todas as manifestações da natureza..." (Goethe, 1948, p. 8).

Nesse trecho, podemos fazer um paralelo entre a narrativa bíblica do diabo, sua soberba e sua conseqüente queda, pois o diabo ou Lúcifer (anjo de luz) se transformou em anjo das "trevas", justamente pela mesma ambição de Fausto, o desejo de ser Deus ou melhor que Ele. Machado, quando faz essa citação, mostra-nos que o diabo, nesse trecho, e em quase todo o conto, quer aliviar sua culpa ou afirmar as intempéries do coração humano, tentando afirmar que o ser humano é cheio de

⁴ Essa obra foi escrita por Goethe dentro do movimento pré-romântico alemão, datado do final do século XVIII, início do século XIX. Personagem que vive no século XVI, astrólogo e necromante, descrito na obra de Goethe como filósofo.

pecados, desejos que o tornam semelhante a ele e que o ser humano não é passível de receber perdão e reconciliação com Deus.⁵

Vemos que tomado pelo desejo de se tornar um “deus”, Fausto cede às propostas de Mefistófeles (diabo). No momento em que Fausto tem consciência dos seus limites, Mefistófeles entra em cena. O demônio se oferece para conduzi-lo a um novo universo, onde as emoções são íntegras, a sabedoria é infinita e tudo está em perfeita harmonia com a vontade... Mefistófeles lhe propõe o prazer total e pleno de alegria e do amor, mais o dom de controlar os sentimentos e as pessoas como um mago, retendo nas mãos o tempo, e fazendo a natureza oscilar segundo seu próprio desejo. Porém, Fausto deverá pagar um preço a Mefistófeles: entregar-se a ele.

Fausto é mostrado como um personagem tomado pela ganância. No momento em que vende sua alma ao diabo, esse se torna vencedor. Vê-se então a ambição do diabo em relação a Deus.

Na Bíblia, vemos que o diabo precisa enganar o ser humano, como fez com Fausto, propondo-lhe coisas momentâneas para conseguir corromper sua alma e assim torná-la sua. A retórica utilizada por ele, tanto na obra de Machado de Assis quanto na de Goethe, é cheia de perspicácia e argumentos, a fim de mostrar que ele se sentia acima de Deus ao corromper o homem cuja natureza é pecaminosa, fato esse bem explícito no conto. E a personagem diabo de Goethe igualmente à de Machado de Assis tenta provar que o ser humano é capaz de decepcionar quem o fez “... Fausto também será capaz de causar surpresas assombrosas ao seu Criador...” (Goethe, 1948, p. 8).

Fausto se iguala ao diabo quando deseja ter melhor prestígio e melhor posição que Deus. Machado de Assis mostra muito bem os dois paralelos: o bem e o mal.

Machado utiliza retórica para justificar os atos do diabo. Exemplo disso é a maneira como aborda a majestade, soberania de Deus e o diabo sempre tentando se safar de seus maus atos e convencê-lo de que não é mau. No capítulo nono de *Dom Casmurro*, Satanás diz:

“...- Senhor não desaprendi as lições recebidas... Escutai-a, emendai-a, fazei-a executar... Satanás suplicou ainda... até que Deus, cansado e cheio de misericórdia, consentiu em que a ópera fosse executada, **mas fora do céu...**” (Assis, 1946, cap. 9). Vemos que o diabo é distanciado cada vez mais das coisas divinas, puras.

No mesmo capítulo, alude-se a certa rivalidade entre o diabo, quando ainda anjo, e Miguel, Rafael e Gabriel: “...Rival de Miguel, Rafael e Gabriel, não tolerava a precedência que eles tinham na distribuição dos prêmios...” (Assis, 1946, cap.9). Assim, vemos a procedência do diabo que, antes no céu e agora condenado e humilhando-se para convencer, pede permissão a Deus para tocar no ser humano e convertê-lo à maldade, ou seja, o mesmo tema abordado no conto “A Igreja do

⁵ Agradeço ao Pastor Manoel de Sousa Lima pela intervenção neste trecho de meu texto.

diabo”.

Em “A Igreja do diabo”, Machado frisa de forma envolvente a imagem do anjo decaído diante de Deus.

Machado parece ser um grande conhecedor da alma humana, de Deus e do diabo da forma como a Bíblia os apresenta e mostra também em sua obra os sentimentos que corrompem o ser humano oferecidos pelo pecado original do diabo. Como já foi dito, tudo o que ele escreve tem uma intenção e suas idéias são expressas de forma especial. É preciso desenvolver uma capacidade de “ler o que não está escrito” e descobrir a intencionalidade do autor, olhando através de sua própria escrita.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA VIDA NOVA. São Paulo: S. R. Edições Vida Nova, 1976.

ASSIS, J. M. M. de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1995.

_____. *Obra Completa*. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

_____. *O Sermão do diabo*. In: A Semana.

BOSI, A. *Machado de Assis. O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

CASTRO, L. G. G. de. *Os temas como tecedura narrativa em alguns contos Machadianos*. São Paulo: FASC, 1985.

GLEDSOON, J. *Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo*, Machado de Assis: contos/ uma antologia (Sel. Intro. e Notas John Geldson),

São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOETHE. *Fausto*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1948.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. Série princípios. 10.ed. São Paulo: Ática, 2001.

GRANJA, L. *Machado de Assis: escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas, SP: Mercado d Letras, 2000.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

VILLAÇA, A. *Machado de Assis, tradutor de si mesmo*. Novos Estudos Cebrap, n. 51, 1998.